

Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando?

Male ageing: which old age are we talking about?

Ingrid Rochelle Rêgo Nogueira
Adriana de Oliveira Alcântara

RESUMO: O objetivo deste artigo é compreender as configurações acerca do envelhecimento masculino e como as relações de gênero influenciam na construção deste, a partir de um estudo descritivo e qualitativo. Os resultados encontrados apontam para o impacto da aposentadoria na velhice masculina, a ampliação da rede social desta a partir da participação em ações voltadas ao segmento e para a supremacia de famílias cuja responsabilidade pela manutenção econômica do lar é do velho.

Palavras-chave: Velhice; Relações de Gênero; Masculinidade.

ABSTRACT: *This paper aims to understand the configurations regarding male ageing and how the gender relationships influence its construction, from a descriptive and qualitative study. The findings indicate the impact of retirement on male ageing, the extension of its social network from the participation in actions aimed at this segment and to the supremacy of families whose responsibility for economic support is borne by the elderly.*

Keywords: *Old Age; Gender Relationship; Manhood.*

Introdução

Vivemos em uma sociedade marcada por fortes transformações. O neoliberalismo e a reestruturação produtiva têm causado fortes impactos, dentre os quais estão profundas transformações no mundo do trabalho, caracterizadas, entre outros aspectos, pelo desemprego estrutural e a precarização do trabalho, a desvalorização dos saberes tradicionais e a valorização da produtividade, da agilidade, da juventude e de tudo o que possa contribuir com a ideologia de produzir e consumir cada vez mais.

Tais mudanças no modo de ser da sociedade impactam diretamente as famílias que, por sua vez, passaram por diversas mutações nas últimas décadas: o ingresso da mulher no mercado de trabalho, as baixas taxas de fecundidade, a ampliação da expectativa de vida, a elevação das taxas de divórcio, dentre outras situações que têm convergido para novos arranjos familiares.

Nessa perspectiva, as formas de relacionamento com os mais velhos também sofrem alterações. Além da crescente negação da velhice, os velhos, muitas vezes, são os responsáveis para além da manutenção econômica do lar, pois são os únicos na família que possuem renda fixa advinda da aposentadoria e pelos cuidados com os netos, visto que têm tempo livre e há necessidade de os pais trabalharem. Acrescentamos a esses fatores, os lares multigeracionais, hoje possíveis graças à expansão da longevidade, permitindo a coabitação de três e até quatro gerações, o que pode representar a oportunidade de aprendizado e solidariedade mútuos, mas também pode ser fonte de conflitos e violências.

Alcântara (2004) chama a atenção para o fato de que os novos arranjos familiares, a quantidade reduzida de membros nas famílias e o agravamento da pobreza apontam que envelhecer junto à família tem representado um desafio, uma vez que a sociedade contemporânea não tem tempo para a convivência com os velhos.

Em se tratando das relações de gênero, é interessante perceber como essas relações familiares se configuram, visto que a masculinidade e a feminilidade ainda são responsáveis pelas divisões de atribuições e significados na esfera doméstica.

Diante desse contexto, e por entendermos que a velhice tem estreita relação com modos e hábitos de toda a vida, consideramos importante refletir sobre o envelhecimento masculino em suas múltiplas dimensões, inclusive acerca de suas relações familiares, no sentido de apontar ideias e iniciativas que visem à promoção do envelhecimento bem-sucedido para homens e mulheres.

Assim, este artigo visa a refletir sobre o envelhecimento masculino, através da percepção de participantes do Trabalho Social com Idosos (TSI), do SESC Fortaleza, a partir da análise de suas histórias de vida. Objetiva, ainda, conhecer a percepção de homens velhos acerca de suas relações familiares, identificar como acontece a interação do velho no seio familiar, analisar a convivência do homem longevo com as demais gerações na família e identificar a rede social destes homens.

No que se refere aos resultados, a pesquisa aponta para a pluralidade do processo de envelhecimento e das relações familiares, prevalecendo as “famílias de idosos”, nas quais o responsável pela manutenção do lar é o velho. As falas dos interlocutores demonstram que a construção da identidade masculina tem sua base constituída pela imagem do provedor, através do trabalho e do papel exercido na família. Assim, a aposentadoria traz impactos para a velhice masculina, visto que, requer a revisão dos projetos de vida do homem.

O desafio deste artigo é explorar esta teia de significados que permeiam o universo da velhice masculina e de suas relações, entendendo que, pela heterogeneidade do processo de envelhecimento, não teremos uma resposta única e acabada para todos estes questionamentos; os resultados encontrados, porém, apontam para um maior entendimento acerca dos homens envelhecidos.

O envelhecimento masculino em foco

A velhice não tem um padrão; podemos, assim, falar em velhices, uma vez que os perfis e condições de vida dos idosos assumem diversas faces, impactando diretamente o processo de envelhecimento. É consenso de que o envelhecimento é um processo natural do curso de vida; entretanto, a forma de ver e de viver este envelhecer é diferenciada de acordo com a cultura e momento histórico de cada sociedade.

Além das diferenças de concepções sobre a velhice, entende-se que o envelhecimento não pode ser desvinculado de outras questões, como a análise acerca das perspectivas de gênero, uma vez que homens e mulheres percebem e vivenciam de maneiras distintas o processo de envelhecimento.

No que se trata da trajetória histórica da velhice, podemos perceber que, mesmo nos momentos em que o velho tinha destaque, era apenas ao homem que a valorização era destinada, cabendo à mulher envelhecida o cuidado com a família. Esta relação de dominação

masculina também é observada no processo de construção da sociedade brasileira, que se diferenciava por dois aspectos: a diferença entre papéis sociais de homens e mulheres e a natureza das atividades domésticas.

Ao homem eram destinadas as atividades sociais de contato com o mundo, a sociabilidade e a autoridade. Já a mulher, embora tivesse como obrigação as responsabilidades com o lar e a família, não tinha nenhum poder de decisão sobre as necessidades domiciliares. Na família colonial, era o homem quem tomava as decisões sobre a organização do espaço doméstico, cabendo à mulher acatá-las. Assim, as casas neste período não contavam com muito conforto, pois já que o homem usufruía seu tempo livre na rua, não era de seu interesse investir na casa (Costa, 1989).

Perceber como essas relações se constituíram durante a formação de nossa sociedade se faz necessário, visto que muitos dos velhos de hoje cresceram neste contexto de sobreposição do poder masculino. Sendo assim, é importante refletir como homens e mulheres envelheceram e reproduziram ou combateram estas relações nos espaços social e doméstico, e como estas relações influenciaram no seu processo de envelhecimento, pois conforme salienta Motta:

Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a). (...) Dessa forma, gênero e idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias. Proposta uma análise da condição social atual de velho, não há como fazê-la sem esse conhecimento sobre os diferenciais de gênero e de classe social que a constituiriam internamente e lhe dariam específicos sentidos (1999, p.207).

É fundamental reiterar que homens e mulheres envelhecem de formas diferentes. Diante dessa peculiaridade do processo de envelhecimento na perspectiva de gênero, as mulheres têm uma expectativa de vida superior a dos homens, como concluem os dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio - PNAD (IBGE, 2010), que apontam a expectativa de vida feminina de 77 anos e a masculina de 69 anos.

Isso é atribuído a vários fatores: o consumo diferenciado de álcool e tabaco entre homens e mulheres; as mulheres viveram mais tempo no espaço doméstico do que os homens,

o que as protege de eventos violentos; as mulheres procuram mais os serviços de saúde; com isso, os diagnósticos são precoces, ampliando as possibilidades de cura. Tal situação resultou no fenômeno conhecido como a feminização da velhice, gerando um período prolongado da viuvez e a pirâmide invertida da solidão feminina (Paschoal, 2006). Assim, faz-se necessário entender um pouco mais do universo masculino e seu processo de envelhecimento de forma a contribuir para que esta longevidade seja para ambos os gêneros.

O que é ser homem? Percepções do homem que envelhece sobre a masculinidade

A década de 1960 nas sociedades ocidentais foi palco do avanço do movimento feminista e do questionamento aos modelos tradicionais de família. Desde então, as mulheres conquistam cada vez mais espaço na sociedade, ocupando posições de destaque e exercendo papéis sociais expressivos.

Por outro lado, o homem velho assistiu a diversas transformações no modelo hegemônico de masculinidade, o que lhe trouxe uma insegurança no que se refere aos papéis sociais exercidos. Sendo a masculinidade uma construção social de gênero, esta precisa ser atualizada na medida em que se dão as transformações sociais. As mulheres questionaram sua identidade a partir dos movimentos feministas, colocaram em xeque os papéis tradicionais que lhes eram atribuídos; já os homens se encontram em um conflito entre a masculinidade tradicional comprovada através da potência sexual, e a necessidade de ampliar seus papéis sociais a partir das transformações na família e nos papéis femininos.

O modelo hegemônico de masculinidade é centrado no controle da afetividade, em trabalhar, exercer exacerbadamente a sexualidade, não controlar riscos, e situar-se em uma cultura distante do autocuidado. Dessa forma, esses hábitos levam o homem ao longo de sua trajetória a um estilo de vida prejudicial à saúde, que deságua em uma qualidade de vida precária na velhice e em uma expectativa de vida inferior à das mulheres.

Esta maior longevidade feminina é percebida pelos longevos e apontada nas falas dos sujeitos desta pesquisa. Vejamos:

“A mulher é superior ao homem, não fisicamente, mas em longevidade sim. Já o homem, quando dá os 60, alguns deles pra se gabar dizem que são mais que o jovem. Eu acredito que não. A tendência é a descida da ladeira

mesmo. Com certeza o homem envelhece mais cedo que a mulher, porque eu acho que... eu não entendo muito de biologia, da lei elementar, mas é o que a gente vê. O homem sempre morre primeiro, a mulher sempre vive mais, isso é notório.” (Pedro, 71 anos).

Em relação à maior expectativa de vida das mulheres, Camarano (2006) faz considerações acerca do estilo de vida masculino:

(...) Homens têm inúmeras desvantagens associadas à maior taxa de atividades profissionais: restrições de horário para comparecer a serviços de saúde, maior risco de acidentes de trabalho e de trânsito. Somam-se a prevalência de hábitos como o alcoolismo, drogadição e tabagismo e o maior risco de envolvimento em homicídios (pp.112-113).

Convém esclarecer que, embora as mulheres tenham maior longevidade, a velhice feminina está mais associada a doenças crônicas, tais como: dor, osteoartrite, depressão, incapacidade física, *déficit* cognitivo, estresse crônico, quedas e hospitalização. Neri (2007) assinala que as mulheres vivem mais; entretanto são mais frágeis biologicamente, e têm uma condição socioeconômica inferior a aos homens, considerando-se que grande parte das brasileiras, hoje velhas, não tiveram emprego remunerado. Assim, conclui a autora: as mulheres são mais longevas e têm maior participação social; entretanto possuem a saúde e a condição financeira mais frágil, têm menor probabilidade de serem cuidadas, pois na maioria dos casos eram elas as cuidadoras da família, além de terem autoimagem mais negativa que a do homem, pois a perda da beleza e da juventude é mais cobrada das mulheres (Neri, 2007).

Os hábitos de vida masculinos e femininos estão intrinsecamente ligados à construção social de gênero. Ora, se o papel da mulher é se ater às tarefas domésticas e aos cuidados com a família e se, ao homem a vida social é colocada como alvo, evidentemente o homem está mais exposto a fatores externos de morbidade e mortalidade; além disso, a ausência de cuidados preventivos colocam o homem em uma situação de maior fragilidade.

O modelo de feminilidade tradicional buscou domesticar e repreender social e sexualmente as mulheres. Educadas sob a égide do poder masculino, as mulheres cresciam sendo desestimuladas e, por vezes, até proibidas de investirem em sua educação e trabalho; além disso, a elas foram negadas condições de trabalho e salários iguais aos dos homens. Assim, não é de causar admiração o fato de os movimentos de aposentados da década de 1990

terem sido formados majoritariamente por homens, uma vez que as mulheres daquela época não tiveram uma participação expressiva no mercado de trabalho, refletindo diretamente sobre o número de mulheres aposentadas. Conforme apresenta Motta (1999, p.210), as mulheres vivenciavam “uma feminilidade que significava obediência e conformismo”.

Já ao homem tudo era permitido, sua obrigação era trabalhar, manter financeiramente o lar e ser obedecido pela família. Ainda segundo Motta (1999), a masculinidade previa uma intensa e variada vida sexual e a expectativa de receber da esposa os serviços domésticos. É interessante perceber que alguns entrevistados vivenciaram esse modelo de masculinidade em suas famílias de origem:

“A pessoa que eu adorava era a minha mãe e eu sentia aquela desigualdade entre ela e meu pai. Ela com quinze filhos dentro de casa pra cuidar, lavar roupa e engomar, num sei o quê... Aí mandava pedir cinco cruzeiros pra compra de fruta, de alguma coisinha ou outra, umas comprinhas no mercado e ele dizia: não precisa não, que tem tudo dentro de casa, pra que você quer dinheiro? Aí eu me lembro que o primeiro emprego que eu arrumei de um salário bom, eu rachei o ordenado com ela. Eu disse: mãe, tá aqui pra senhora fazer o que a senhora entender e quiser. Rasgar, tocar fogo... Meu pai ficou mordido comigo, porque foi muito dinheiro, a metade do que eu ganhei.” (Marcos, 68 anos).

“Na época do meu pai, as mulheres eram submissas até nos grandes centros. Quando a garota trabalhava numa empresa que ela noivava, ela já sabia que ia perder o emprego, porque o noivo não queria ela no emprego. Quando ia casar saía do emprego e ia ser dona de casa. Era assim há cinquenta anos atrás. As minhas irmãs, por exemplo... O papai nunca deixou minhas irmãs trabalharem fora, nunca papai deixou. (...) Meu pai, eu chamava de Dom Rafael, aquele personagem da novela Direito de Nascer. Nós não podíamos passar perto do quarto das meninas. Se ele soubesse, ele batia. Mas eu trabalhava e com catorze anos eu não obedecia algumas coisas que meu pai queria porque eu era independente, eu já trabalhava como talhador e ganhava bem.” (Daniel, 74 anos).

Cabe ressaltar que gênero é uma construção social, representando um dos pilares da identidade humana, sendo produto e processo das relações sociais. A diferenciação entre

homens e mulheres em uma sociedade se dá a partir da definição do que é feminilidade e masculinidade em uma dada cultura e momento sócio-histórico (Meyer, 2003).

Assim, as relações de gênero não podem ser analisadas de maneira isolada, pois o conceito de gênero é dinâmico e relacionado a várias questões, tais como classe social, etnia, geração, dentre outros. Dessa forma, os papéis de gênero nos são ensinados de acordo com nossa condição de homem ou de mulher.

Goldenberg (1991) contribui para essa discussão, apontando que há uma naturalização dos papéis femininos e masculinos, sendo os cuidados com os filhos e a casa uma função da mulher, e o provimento do lar, uma responsabilidade masculina. As capacidades biológicas femininas de engravidar e parir são transpostas para as funções sociais, e a mulher passa a ter a atribuição de cuidar e de assistir os filhos, sendo ainda tímida a participação dos homens neste aspecto. A autora aponta a necessidade de desnaturalizar estes papéis, visto que, na sociedade atual, há uma busca crescente pela igualdade de gênero nos espaços público e privado.

Podemos identificar essa naturalização da representação do que é ser homem e do que é ser mulher, descritas por Goldenberg, nos discursos de alguns sujeitos desta pesquisa. É o que demonstra o depoimento a seguir:

“(...) A obrigação do homem é ser pai de família; o que acontece é que o homem tem mais tendência pra brutalidade; é um ser mais brutal, mas os brutos também amam. Já a mulher é delicada, é suave, é amável. Eu acho o homem completamente o inverso da mulher.” (Pedro, 71 anos).

O exercício da sexualidade também aparece como um descritor de masculinidade:

“Ser homem é ser macho, é mostrar que não é afeminado. Homem na realidade com h maiúsculo. (...) Ser macho não é explorar o sexo abertamente, mas ser conveniente com a situação. É não falhar. O homem não tem bom... Todos são danados.” (Maurício, 72 anos).

O ideal de masculinidade vinculado ao sexo data desde a sociedade colonial brasileira e vem se mantendo ao longo das décadas, apesar dos avanços conquistados pelos movimentos feministas. Nesse sentido, Costa (1989) aponta que a construção machista da conduta masculina foi composta principalmente pelas características “naturais” atribuídas ao homem pelo modelo higiênico e pela forma com que o homem foi levado a crer que sua existência

social era proveniente do trabalho, dos cuidados com o corpo e do sexo. Assim, havia uma superestimação do sexo, sendo este considerado um indicador de poder masculino.

O homem da sociedade higiênica tinha sua honra e poder determinados pela posse da mulher e pela respeitabilidade sexual. Ao homem cabia dominar a mulher e fiscalizar os filhos, reprimindo com violência física e moral tudo e todos que questionassem suas ordens (Costa, 1989).

Nessa concepção de masculinidade, os homens são percebidos como o oposto exato das mulheres. O homem era dominado por atributos másculos e viris, devendo ser rígido, forte, autoritário, racional. Já a mulher era devotada, meiga, submissa, caprichosa (Costa, 1989). Esse ideal aparece nos discursos dos entrevistados, demonstrando que esta concepção socialmente construída de masculinidade e feminilidade persiste nos dias atuais.

“A mulher tem esse sentimento que só ela tem: amor. Só ela. Homem não ama, homem é bicho bruto. Amar é como Jesus amou, é incondicional, é total. Só a mãe, só a mulher sente. Homem é muito fuleragem. Tem hora que é, tem hora que não é. As maiores estadistas são mulheres, são competentes, se metem e gerenciam direito o país. Fazem com honestidade e fazem com amor. As mulheres são mais confiáveis, as mulheres amam e se entregam de verdade. A mulher é a estrutura da família. Acho que a mulher devia ser mais respeitada, sabe? Devia estar no mesmo patamar do homem.”
(Marcos, 68 anos).

Além disso, Badinter (1993) coloca que a virilidade masculina não é tão natural quanto se percebe. A sociedade a vê com algo a ser comprovado pelo homem. O imperativo “seja homem”, ou “prove que é homem”, demonstra isso. A presença de um órgão sexual masculino não define a masculinidade. É exigido do homem um esforço não exigido das mulheres, que não tem que provar sua feminilidade. A sociedade age como se esta fosse natural e a masculinidade conquistada e provada, principalmente no que se refere à sua sexualidade.

Nesse contexto, alguns conceitos sobre o que é ser homem surgem nas falas dos sujeitos pesquisados: ser homem é ser honesto, ser homem é ser responsável e outros dizem que o que diferencia o homem da mulher é o grau de sensibilidade, a força e o vigor físico. É o que demonstra a seguinte fala:

“A mulher é mais paciente, o homem é mais intempestivo. Eu acredito que a mulher é sempre o equilíbrio das coisas. Muitas vezes lá em casa eu me aborreço com alguma coisa que aconteceu; aí minha mulher fala: Mas não é assim também não, você só pensa desse jeito, vamos pensar de outra forma. Então, quer dizer, ela põe água fria na fervura. A mulher é sempre o ponto de equilíbrio.” (Josué, 74 anos).

Observa-se que, durante toda a vida, o homem é incentivado e cobrado a ser o mais forte, a exercer poder sobre a família e a dominar o espaço público. Entretanto, com a velhice e a aposentadoria, terá que conviver no espaço social historicamente reservado à mulher, que é o espaço doméstico e a família.

É como se o ser homem estivesse baseado em três fatores: o trabalho, a família e a virilidade. Assim, como ficam os projetos de vida após a aposentadoria, se o investimento durante toda a vida foi na atuação como profissional? Como se dá a relação do homem com seu envelhecimento, uma vez que, sua forma de vivenciar essas três bases são modificadas a partir da velhice? Quais são os impactos dessas relações em sua masculinidade e identidade? É o que discutiremos a seguir.

O mito do provedor: Aposentadoria, relações familiares e processo de envelhecimento masculino

O fato de ter, durante toda a trajetória de vida, a função social de provedor, e a obrigação de demonstrar poder e força nos espaços sociais, incluindo a família, o trabalho e as relações amorosas, limitou-se a adaptabilidade masculina a situações que envolvem fragilidades, como é o caso da velhice. Assim, o processo de envelhecimento e a aposentadoria causam maiores impactos nos homens do que nas mulheres. O homem se sente incapaz por sua força de trabalho não ser mais considerada interessante para o mercado de trabalho (Paschoal, 2006).

Motta (2009) salienta que a velhice é rejeitada socialmente, por meio de preconceito e do medo em relação a essa fase do ciclo vital. Nesse sentido, o velho é sempre o outro, como definiu Beauvoir (1990) e, por ser sempre algo visto como distante da própria realidade, a velhice é também negada pelos próprios velhos, que não se reconhecem como tal.

A esse respeito, Kamkhagi (2009) aponta que, para o homem, é mais complicado reconhecer o processo de envelhecimento, pois para ele é difícil não ser sempre considerado o forte, o macho, o provedor, aquele que lutou, e conquistou tantas coisas. A autora considera que, quando a sociedade deixa de perceber o homem como forte, este passa por um período de luto, pois as mudanças físicas se antecipam às mudanças psíquicas.

Convém precisar que essa negação e medo da velhice são mencionados pelos velhos em seus depoimentos, atribuindo à velhice a decrepitude e a rigidez de pensamento:

“Olha, quando me chamam de velho, eu digo que sou mais velho do que velhote, e mais jovem do que juvenil. Na realidade, eu não me sinto velho; eu me sinto idoso; porém, com a consciência do dever cumprido, feliz e com o pensamento jovem. Velho é aquele que já tá praticamente ultrapassado, não anda mais, tá com deficiência mental, já com mal de Alzheimer. Eu não estou nessa idade. Primeiro que eu sou muito ativo, não quero ficar parado. Corro, faço exercício, faço caminhada, porque senão cai.” (Maurício, 72 anos).

“Pra mim, eu acho que velhice não existe; eu não gosto nem de comentar a palavra, porque eu não gosto da palavra velhice. Eu nunca disse a uma pessoa que estou ficando velho e nem digo que ninguém está ficando velho. Porque eu acho que é até meio deprimente dizer pra pessoa: tu é velho. Eu não gosto. (...) Às vezes, a pessoa tem uma quantidade de anos, de idade, mas tem uma mente nova. E às vezes um novo tem a mente de velho, né? O que se chama de velho, eu não sei, porque enquanto existir vida, eu acho que não é velhice. Mente de gente jovem se adapta a tudo, ao dia a dia, se adapta às modificações. Ele não fica retrógrado a alguma coisa, nem com aquela mania de conservacionismo rigoroso, o tempo se modificando e ele continua na caverna. Já mente de velho é aquele que só abre a boca e diz que está cansado, que sou velho, e é muito conservador; pra mim, pessoa mais idosa é assim mais conservador.” (Daniel, 74 anos).

“Eu tenho muito medo de envelhecer; provavelmente eu vá ficar bem idosinho sem envelhecer.” (Pedro, 71 anos).

Por diversas questões, o homem vivencia muitas dificuldades no processo de envelhecimento. Lidar com a queda da virilidade, a aposentadoria, o não trabalho, o ambiente doméstico e as relações familiares, antes destinadas apenas às mulheres, o tempo livre sem significação, a baixa participação social, e o histórico de ausência de hábitos saudáveis e promotores de saúde têm contribuído para a menor longevidade masculina. Dessa forma, manter o olhar atento e propor alternativas que atendam as diferenças de gênero são fundamentais para a promoção do envelhecimento ativo¹.

Uma das iniciativas voltadas para a promoção do envelhecimento ativo são os programas para o envelhecimento, que proporcionaram uma grande visibilidade da velhice nas últimas décadas. Estes programas consistem em associações de aposentados, grupos de convivência de idosos, escolas abertas para a terceira idade e universidades para a terceira idade (Debert, 1999).

Em sua análise desses programas, Debert (1999) observa que a participação feminina nesses espaços é majoritária, contrastando com a baixa participação, e a atitude reservada dos homens idosos, sendo apenas no movimento dos aposentados que essa proporção entre os gêneros se inverte.

Sobre essa desproporção entre homens e mulheres nas iniciativas voltadas para a velhice, podemos tecer a seguinte reflexão: os homens foram educados para a esfera do trabalho, considerando atividades culturais e socioeducativas, como atividades voltadas para as mulheres. Isso se reflete na baixa adesão deste público aos grupos de convivência e espaços educacionais para o envelhecimento e no alto índice de homens velhos nas associações de aposentados.

O financeiro na realidade aparece como pano de fundo para encobrir uma questão que é mais subjetiva, pois, na medida em que cabe ao homem ser o provedor, e que esse provento advém do trabalho, é correto dizer, então, que o trabalho, de certa forma, confere ao homem também a referência social da sua masculinidade (Rodrigues & Mercadante, 2006, p.117).

A baixa participação social de homens velhos impacta as condições de saúde dos mesmos. Em uma contribuição mais recente, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Brasil, 2008) afirma que a velhice é uma fase do curso de vida em que ocorre

¹ Envelhecimento ativo refere-se à ampliação da expectativa de vida saudável e da qualidade de vida, à medida em que as pessoas ficam mais velhas, por meio da otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança (OPAS, 2005).

uma maximização da vulnerabilidade masculina, principalmente devido à pouca informação sobre o processo saúde/doença e aos escassos cuidados com a saúde ao longo da vida. Na verdade, é como se, no imaginário destes homens, o espaço de cuidado, de convivência, e de diálogo fosse determinado apenas para as mulheres idosas, cabendo a eles apenas as obrigações e responsabilidades.

O homem faz muita besteira na vida, depois ele vai aprimorar, vai corrigir os erros dele, os erros de comportamento. Eu era um cara muito abusado, sabe? Meu negócio era trabalhar e trazer as coisas pra dentro de casa. Eu era a formiguinha que pegava a folhinha e trazia pra dentro de casa. Depois eu fui mudando de comportamento, fui ficando mais sociável. Eu era muito preso ao trabalho e à responsabilidade de casa. Eu acho que eu não sabia nem rir. Talvez, se eu fosse pra um show de humor, eu nem risse de tanta dureza (Marcos, 68 anos).

Como afirma Motta (2009), o homem aposentado não é mais percebido como trabalhador, o que o incomoda, uma vez que o trabalho é parte fundante de sua identidade como homem. Assim, as mulheres reagem melhor à situação de não-trabalho na velhice, enquanto a maioria dos homens vivencia uma mudança radical de hábitos de vida. Ainda em consonância com Motta (2000), pesquisas recentes apontam que as idosas atribuem à velhice o momento de maior liberdade e felicidade da vida, visto que durante anos tiveram sua vida sexual e social reprimida:

(...) Homens e mulheres envelhecem de modos diferentes; e homens e mulheres são velhos e velhas também diferenciados pela posição e situação de classe. Dessa forma, vemos que classe, gênero, idade e geração são quatro categorias fundamentais para se compreender os indivíduos em sociedade, porque configuram seu contexto histórico e cultural (Barros, 2006, p.49).

A mulher, diante do processo de envelhecimento e das transformações da família, tem encontrado seu lugar na sociedade, uma vez que, ampliou seus papéis sociais. Além de cuidadora, mãe e avó, também é trabalhadora e provedora do lar. Já o homem velho precisa criar novos papéis, pois parece perdido em um espaço que nunca lhe foi atribuído.

O depoimento a seguir mostra como a baixa participação masculina nas atividades voltadas para idosos pode estar relacionada ao estereótipo do que seriam atividades para homens e atividades para mulheres:

“Eu vim em 1997 para o SESC, mas só vim depois de muita insistência da minha esposa. Eu achava que hidroginástica e reunião era coisa de mulher. Até que ela me convenceu, mas eu não prometi ficar, não... Então, eu vim um dia, gostei e depois aderi mesmo. Hoje o SESC é minha segunda casa, eu já pensei em mudar de moradia; só não me mudo porque minha casa é perto do SESC.” (Júlio, 72 anos).

O pós-aposentadoria também foi muito enfatizado pelos entrevistados, contemplando uma série de significações. Para alguns, este momento representou o sonhado descanso. Para outros, a notícia da aposentadoria foi recebida com pesar, pois representava o fim de anos de dedicação a um trabalho e o distanciamento dos colegas de profissão:

“Eu adorava meu trabalho, trabalhei vinte e três anos, lá. Aprendi muita coisa e não queria me aposentar, porque eu ainda me sentia bem pra trabalhar. Fiquei muito triste quando me aposentei porque eu gostava do bate-papo com os amigos, do movimento do trabalho. Eu sempre fui uma pessoa muito divertida; aí pensei: não posso ficar assim, então eu vim pro SESC e agora estou bem.” (Cláudio, 79 anos).

“Eu fiquei muito livre mesmo quando eu me aposentei, passei 20 anos no banco e me aposentei. Eu senti um alívio tão grande como um pássaro voando. Nesse tempo minha filha trabalhava em Quixadá e logo em seguida ela foi pra Baturité; e o que me marcou mais foi Baturité, porque eu ia demais, quando sentia saudade eu pegava o carro e ia pra Baturité. É uma idade em que a gente realiza o que não pode realizar na idade mais jovem. A gente já tá mais amadurecido, financeiramente mais estável. Normalmente acontece isso, mas tem casos que não acontece.” (Josué, 74 anos).

Sarti (2005) assinala que a vulnerabilidade feminina é associada em razão de a relação com o mundo externo ser mediada pelo homem; entretanto, o homem considerado como o dominador também tem vulnerabilidades. Contraditoriamente, estas são associadas ao seu papel de dominação. O papel de provedor e de trabalhador torna o homem vulnerável, devido

a este aspecto não depender de sua vontade e controle. O mercado de trabalho é hoje instável, o que submete o homem a uma constante angústia para manter seu *status* de provedor.

Nesse sentido, homens e mulheres percebem a aposentadoria de formas diferentes, sendo essa fase vivida com maior dificuldade pelos homens, visto que, durante a vida, suas relações mais fortes se dão no mundo do trabalho e no espaço público. Já as mulheres, além do papel de trabalhadoras, desempenham outros papéis durante a vida, muitas vezes enfrentando uma tripla jornada de trabalho que envolve a atividade laboral, os cuidados com a casa e a educação dos filhos. Assim, com a chegada da aposentadoria, as mulheres se percebem mais livres para desenvolver outras atividades, tais como participar de um grupo de convivência; já o homem percebe este momento como um marco para a velhice e para a perda de sua função social de provedor:

Ao homem velho se dá maior atenção, na medida em que percebe a aposentadoria como uma mudança radical de vida — uma passagem de um mundo amplo e público para um mundo doméstico e restrito. Na mulher, a velhice não traz essa carga de mudança abrupta. A mulher na velhice está no último estágio de um *continuum* sempre ligado à esfera doméstica, não só porque a grande maioria não teve uma vida profissional ativa, como também porque é a este mundo interno do lar, da família e da casa que a mulher está ideologicamente vinculada (Barros, 2006, p.114).

Essa situação sinaliza que os homens, ao chegarem à velhice, apresentam uma necessidade de afirmação da sua identidade como homem. Nesse processo, os mesmos têm historicamente adotado como formas de enfrentamento às mudanças, a negação da velhice, o baixo índice de participação social em atividades voltadas para idosos, o isolamento social e a depressão. Assim, há uma necessidade de esses homens despertarem para novas perspectivas e novos papéis na família, na comunidade e na sociedade.

Sarti (2005) colabora com a discussão da masculinidade, afirmando que o ganho e a honra compõem a autoridade paterna. A moral do homem está vinculada a ter um trabalho e uma família e a categoria “pai de família” é parte da autoimagem masculina, mesclando o sentido do trabalho à família. Nesse sentido, não basta o homem prover o lar; ele também deve ser dotado de características pessoais que o levem a ser admirado pela família.

Alguns entrevistados, ao serem perguntados sobre o que é ser homem, enfocaram em suas falas a honra e as obrigações familiares como aspectos essenciais da masculinidade:

“(...) A obrigação do homem não é só trabalhar; ele tem que trabalhar e demonstrar afeto e respeito com a família. É o dever de cidadão ser um homem de família.” (Pedro, 71 anos).

“As épocas vão transformando o pensamento e a maneira de viver do homem. O pessoal tem mania de dizer que ser homem é ser macho. Eu acho que a pessoa sendo honesta, nunca roubando, nunca matando, não mentindo, é um homem perfeito. Quanto a essa questão de sexo, eu acho que não tem nada a ver. Tem cara que pode ter seus problemas sexuais, mas não gosta de mentira, ele é um homem correto. Vamos supor que ele seja um travesti, mas é um cara super honesto. Então ele não deixou de ser homem. O homem é assim, essa fibra que o homem carrega com ele que não deixa desmoronar. Eu não gosto de mentira.” (Daniel, 74 anos).

“Ah... Responder essa pergunta é difícil, mas eu acho que ser homem é principalmente caráter. Eu acho que isso é uma coisa essencial, você ter caráter. Isso é um patrimônio que você deixa para os filhos. Muita coisa que eu tenho hoje na vida, de met, eu tenho do meu pai. Meu pai tinha muito aquelas coisas de rigidez, de ensinar. Eu acho que o homem, antigamente, era o dirigente total, hoje já não é tanto assim. Hoje ele já compartilha, a esposa já trabalha, entra na renda familiar.” (Josué, 74 anos).

O cenário acima nos leva a considerar que esses homens, hoje velhos, tiveram uma vida pública por meio do exercício laboral, foram reconhecidos socialmente pela profissão que exerciam e pelo papel de provedor familiar. Para eles, o trabalho era muitas vezes uma extensão ou um substituto para a família (Rodrigues & Mercadante, 2006). Dessa forma, o período pós-aposentadoria se mostra como um período de cisão entre a vida produtiva e o início da velhice, envolvendo aí uma série de perdas simbólicas, sendo o papel do homem forte, protetor e dominador a principal delas, bem como perdas materiais, uma vez que, em muitos casos, a aposentadoria representa também uma queda no padrão de vida social e econômica.

Seja pelos novos papéis assumidos pelas mulheres na atualidade, pela crise masculina no pós-aposentadoria, pelas perdas comuns ao processo de envelhecimento, ou pelas transformações da família e da sociedade atual, o processo de envelhecimento masculino é repleto de peculiaridades. Diante desse pano de fundo, nos parece essencial um

questionamento sobre o conceito tradicional de masculinidade, além de uma construção e reconstrução constante das inúmeras masculinidades possíveis nesta sociedade mutante que hoje vivemos.

Considerações Finais

As transformações, pelas quais a família vem passando nas últimas décadas, resultando em diversos arranjos familiares, chamam a atenção para perceber como se dão as relações familiares na velhice. Em paralelo a isso, os avanços conquistados pelos movimentos feministas redefiniram os papéis das mulheres na atualidade, ampliando-os, enquanto os homens não tiveram grandes transformações no padrão tradicional de masculinidade.

Assim, com o início da velhice, ao ver sua função de provedor ameaçada pela chegada da aposentadoria, e saída dos filhos de casa, os homens têm historicamente se isolado socialmente, o que, associado aos hábitos de saúde precários durante a vida, os levaram a uma expectativa de vida menor do que a das mulheres, o que nos remete a um olhar atento sobre esta parcela de longevos.

A dinamicidade da família ficou clara na pesquisa, na qual encontramos velhos com fortes vínculos familiares e velhos, cujo contato com filhos e netos é raro. Entretanto, na maioria dos casos, os depoimentos apontaram para relações familiares com fortes vínculos, construídos ao longo dos anos.

No que se trata do papel dos velhos na família após a aposentadoria; os entrevistados foram unânimes em afirmar que, durante a vida laboral, o contato com a família foi preterido, uma vez que a principal meta durante a vida era priorizar a manutenção econômica do lar através do trabalho. Assim, afirmaram eles, a aposentadoria permitiu um tempo maior para desfrutar dos momentos de lazer e de fortalecimento de vínculos com parentes e amigos.

Conforme apontam os discursos, a família representa a maior referência para os velhos como principal papel social após a aposentadoria, posto que, juntamente com o trabalho, compõe a base do conceito tradicional de masculinidade.

Se para os velhos, a família se constitui como referência primeira, por outro lado, é também verdade que o velho tem, cada vez mais, se afirmado como pessoa responsável pelo lar. Nesta pesquisa encontramos apenas “famílias de idosos”, uma vez que todos os entrevistados afirmaram ser ele ou a cônica o chefe da família.

Sendo as relações familiares e os papéis de gênero heterogêneos e dinâmicos, comportam em seu âmago a contraditoriedade exposta nos discursos, que ora enfatizavam a emancipação da mulher, ora a idealizavam como a “rainha do lar”. De acordo com essas falas, percebemos que os velhos reconhecem as transformações dos papéis de gênero na sociedade; entretanto, esse reconhecimento caminha lado a lado com a visão tradicional do ser homem e do ser mulher.

Nesse sentido, apontamos que a conceituação das relações de gênero é construída desde a infância, na qual os meninos sempre são incentivados a brincarem de exercer uma profissão, lutar, dirigir, dentre outras brincadeiras vinculadas à agressividade ou ao exercício de papéis sociais expressivos. Já as meninas recebem o estímulo para brincadeiras voltadas à afetividade e aos cuidados com bebês e/ou casas.

Essa concepção do que é atividade para homem e do que é atividade para mulher passa então a ser fortalecida em todas as fases da vida, inclusive na velhice, o que é expresso na baixa participação masculina nas atividades voltadas ao envelhecimento por considerarem espaços de convivência como “coisa de mulher”.

O trabalho aparece como um aspecto essencial da masculinidade. Seja lembrado com saudades, ou como um peso, o trabalho surge como uma parte da identidade, o que mostra que durante a vida os sujeitos foram tão associados à identidade da empresa onde trabalhavam, que, ao se aposentarem, não conseguem definir uma identidade própria, que não remeta à vida laboral.

Assim como as relações de gênero são construídas ao longo da vida, as relações familiares obedecem a este critério. Como constructo social, estas na velhice aparecem como um reflexo das relações estabelecidas e dos vínculos formados durante a trajetória de vida. Assim, é fundamental evitarmos qualquer postura ou ideologia homogeneizante desses conceitos. Vale ressaltar que a heterogeneidade é presente inclusive no envelhecimento masculino, de acordo com a faixa etária, as condições socioeconômicas, a escolaridade, as condições de sociabilidade, a história familiar, dentre outros aspectos.

Contradizemos a tendência de homogeneizar o processo de envelhecimento, afirmando a heterogeneidade do mesmo em todas as dimensões, incluindo a perspectiva de gênero. A vivência do envelhecimento é diferente para homens e mulheres; entretanto, devemos buscar que tenha a mesma qualidade de vida e cidadania para ambos.

Referências

- Alcântara, A.de O. (2004). *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. Campinas (SP): Alínea. (Coleção Velhice e Sociedade).
- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Maria Ignez Duque Estrada, Trad. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- Barros, M.L.de. (2006). Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: _____. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*, 113-168. Rio de Janeiro (RJ): FGV.
- Beauvoir, S. de. (1990). *A velhice*. Maria Helena Franco, Trad. (5ª reimpr.). Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- BRASIL. (2008). Ministério da Saúde. *Política nacional de atenção integral à saúde do homem*. Brasília (DF).
- Camarano, A.A. (2006). Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: Freire, E.V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*, 88-105. (2ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.
- Costa, J.F. (1989). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro (RJ): Edições Graal.
- Debert, G.G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento*. São Paulo (SP): Edusp.
- Goldenberg, M. (1991). *Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro (RJ): Revan.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (2010). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro (RJ): IBGE.
- Kamkhagi, D. (2009). As relações afetivas do homem idoso. *Revista A Terceira Idade: estudos sobre o envelhecimento*, 20(46), 33-47. São Paulo (SP): SESC-GETI.
- MEYER, D.E.E. (2003). Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítica. In: Lopes, M.J.M., Meyer, D.E.E. & Waldson, V.R. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*, 9-27. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Motta, A.B.da. (1999). *As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento*. *Cadernos Pagu*, 13, 191-221. Campinas (SP).
- _____. 2000. Chegando pra idade. In: Barros, M.M.L.de. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade e política*, 223-235. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas. (2ª ed.).
- _____. (2009). Envelhecimento masculino: trabalho, aposentadoria e participação social. In: Barros Júnior, J.C. (Org.). *Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade*, 67-79. São Paulo (SP): EDICON.
- Neri, A.L. (2007). Feminização da velhice. In: Neri, A.L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, 47-64. São Paulo (SP): Editora Fundação Perseu Abramo; Edições SescSP.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Suzana Gontijo, Trad. Brasília (DF): OPAS.

Paschoal, M.P. (2006). Envelhecimento na perspectiva de gênero. In: Côrte, B., Mercadante, E.F. & Arcuri, I.G. *Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer*, 81-93. São Paulo (SP): Vetor.

RODRIGUES, C.L. & Mercadante, E.F. (2006). O papel do trabalho na construção da masculinidade. In: Côrte, B., Mercadante, E.F. & Arcuri, I.G. *Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer*, 115-148. São Paulo (SP): Vetor.

Sarti, C.A. (2004). A família como ordem simbólica. São Paulo (SP): *Psicologia USP*, 15(3). Recuperado em 20 dezembro, 2010, de: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>.

Recebido em 17/03/2014

Aceito em 30/03/2014

Ingrid Rochelle Rêgo Nogueira - Assistente Social. Graduada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Pós-graduanda em Saúde da Pessoa Idosa pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do Trabalho Social com Idosos do Serviço Social do Comércio – SESC Fortaleza.

E-mail: ingridrochelle@yahoo.com.br

Adriana de Oliveira Alcântara - Assistente Social. Graduada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Gerontologia e Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Campinas (Unicamp). Docente do curso de Serviço Social. Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO).

E-mail: alcantara2002@yahoo.com.br